

A Dinâmica Verbal da Literatura: Uma Interpretação a Partir da Obra “Verbal Behavior”¹

(The Verbal Dynamics of Literature: An Interpretation Based on Verbal behavior)

Thuyse Wengrat Pichler², Carolina Laurenti e Carlos Eduardo Lopes
Universidade Estadual de Maringá
(Brasil)

Resumo

Entre os temas caros à psicologia está a literatura. B. F. Skinner, o proponente do comportamentalismo radical, concedeu especial atenção às questões literárias no âmbito de sua teoria do comportamento verbal, apresentada no livro “Verbal behavior”. No entanto, as declarações de Skinner sobre literatura estão dispersas nessa obra, o que dificulta uma compreensão integrada do tema. Em vista disso, o objetivo deste estudo teórico é propor uma interpretação comportamentalista radical da literatura com base na sistematização das menções de Skinner à temática em “Verbal behavior”. Para tanto, trechos do livro com alusões a questões literárias foram identificados, buscando-se pelos radicais *liter*, *writ* e *read*, por meio de recursos de rastreio no arquivo digitalizado do livro. Os trechos encontrados foram categorizados de acordo com quatro dimensões de análise: comportamento do escritor, obra literária, comportamento dos ouvintes e comunidade verbal literária. A sistematização das menções de Skinner a questões literárias deu relevo ao cerne de uma interpretação comportamentalista radical da literatura: a inter-relação complexa e dinâmica entre escritor, obra literária, leitores e comunidade verbal literária. Com base na elaboração desse aporte teórico, é apresentada uma possível definição da literatura sob a perspectiva de B. F. Skinner.

Palavras-chave: arte, literatura, Skinner, comportamentalismo radical, comportamento verbal

1 A pesquisa contou com financiamento por meio da bolsa de Iniciação Científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas (Processo n. 1956/2022) para a primeira autora e também por meio do projeto aprovado no Edital Universal 2021 para os demais autores (Processo n. 423361/2021-0).

2 Endereço para correspondência: Thuyse Wengrat Pichler, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790 – Bloco 118 – Zona 7. CEP: 87020-900. Maringá – PR. E-mail: thuysewp@outlook.com

Abstract

Literature is one of the themes that is dear to psychology. B. F. Skinner, the proponent of radical behaviorism, devoted himself to literary activities before turning to psychology. He was a diligent reader of literary periodicals and an incipient writer of fictional stories. Despite the failure of his career as a writer, the author did not give up on literary issues in his trajectory in psychology. Furthermore, Skinner also paid particular attention to literary issues within the scope of his theory of verbal behavior, presented in the book *Verbal behavior*. However, the mentions of literary issues throughout *Verbal behavior* are mainly dispersed, discussing elements such as prose, poetry, fiction, the writer, and the reader in passages that are not strictly intended to examine literature per se. This lack of systematization makes it challenging to understand literature globally from a Skinnerian perspective and to assess its heuristic potential to contribute to the psychological discussion of this topic. Given this, this theoretical study proposes a radical behaviorist interpretation of literature based on the systematization of Skinner's references to the theme in *Verbal Behavior's* book. To this end, excerpts from the book with allusions to literary issues were identified, searching for the radical's "liter", "writ", and "read" through tracking resources in the digitalized file of the book. The excerpts found were categorized according to four dimensions of analysis: writer's behavior, literary work, listeners' behavior, and literary verbal community. The results of that systematization showed that the complexity of constructing a Skinnerian definition of literature is due to its contextualist aspect, which prevents a literal transposition of the speaker-listener-verbal community logic to the writer-readers-literary community dynamic. Based on this, it was possible to identify that the core of a radical behaviorist interpretation of literary verbal behaviors is the dynamic and complex interrelationship between the writer, the literary work, the readers, and the literary verbal community. In this quadripartite relationship, the interaction between the behavior of the writer (as speaker and listener) and close readers (as speaker or listener) is governed by practices of the literary verbal communities and subcommunities to which they belong. These communities and subcommunities, with their unique norms, values, and interpretive strategies, shape the production and reception of literary works, thereby influencing the behavior of the writer and readers. The product of this interaction, the literary work, controls the behavior of close and distant readers, generating, in these readers, emotional reactions (among other aspects), through a series of literary resources that typify the literary work (e.g., the presence of metaphors, symbols, and magical mands). Skinner's approach reveals the dynamic and complex interrelationship among writers, readers, literary work, and the literary community, a testament to his contextualist perspective on literature. This perspective not only enriches our understanding of literature but also challenges criticisms that question Skinner's ability to explain artistic achievements such as literature.

Keywords: art, literature, Skinner, radical behaviorism, verbal behavior

A literatura é uma manifestação artística que vem sendo examinada por diferentes teorias filosóficas e psicológicas (e.g., Deleuze & Guattari, 1975/2017; Freud, 1928/1969; Heidegger, 1942/1996; Sartre, 1947/2015). Respondendo criticamente a essa tradição, analistas do comportamento também têm discutido alguns aspectos da literatura, como o comportamento de personagens ficcionais de obras literárias (Amorim, 2001; Souza et al., 2009); os princípios comportamentais que explicariam os comportamentos de escritores e leitores (Hineline, 2018); a estrutura funcional de narrativas (Grant, 2005a, 2007); a relação entre o comportamento do leitor e as contingências que controlam as respostas de personagens ficcionais (Grant, 2005b); e o papel da literatura na abordagem funcional do comportamento verbal (Luke, 2003).

O próprio B. F. Skinner (1904-1990) tinha especial interesse por questões literárias antes de se voltar à psicologia. Além de ter reconhecido, ao final de seu ‘high school’, que seu “maior interesse era a literatura” (Skinner, 1976a, p. 146), o autor foi um leitor assíduo de periódicos literários e um principiante escritor de histórias ficcionais (Coleman, 1985). A despeito de até ter produzido narrativas elogiadas pelo poeta norte-americano Robert Frost, Skinner acabou desistindo de uma possível carreira de escritor, optando pela psicologia (Coleman, 1985). Não obstante, essa mudança não se traduziu em um abandono das questões literárias em sua trajetória acadêmica. A obra skinneriana é composta por diferentes publicações protagonizadas por essas questões (e.g., Skinner, 1934/1999a, 1970/1999b, 1972/1999c). No romance ‘Walden two’, por exemplo, Skinner (1948/2005) reservou um lugar importante para as práticas artísticas no planejamento cultural desta comunidade utópica, dentre as quais se destacam as atividades literárias (Vitti & Laurenti, 2024). Outra obra em que Skinner (1957/1989) discutiu a literatura foi ‘Verbal behavior’. Nesse livro, o autor procurou enfrentar uma série de problemas clássicos ao campo da linguagem recorrendo à noção de comportamento verbal e à trama conceitual a ela associada. Em suas análises do comportamento verbal, Skinner menciona questões literárias não apenas como exemplos de princípios explicativos (e.g., mando, extensão metafórica, comportamento emocional), mas também reconhecendo desafios que a literatura impõe a uma teoria comportamental da linguagem (e.g., a “magia verbal” e a linguagem simbólica como características de certas obras literárias). No entanto, as menções de Skinner a questões literárias em ‘Verbal behavior’ ocorrem de forma particularmente dispersa, discutindo elementos como a prosa, a poesia, a ficção, o escritor e o leitor em passagens que não se destinam estritamente ao exame da literatura. Essa falta de sistematização dificulta uma compreensão global e integrada da literatura de uma ótica skinneriana, e a possibilidade de aferir seu potencial heurístico para contribuir com a discussão psicológica dessa temática. Considerando esses aspectos, o objetivo deste artigo é propor uma interpretação comportamentalista radical de literatura com base em uma sistematização das menções de Skinner a questões literárias encontradas em ‘Verbal behavior’. Com isso, esperamos conferir um aporte teórico à discussão da literatura à luz da teoria skinneriana do comportamento verbal.

Método

Para alcançar o objetivo mencionado, foi realizada uma investigação de natureza teórico-conceitual, tomando como principal fonte o livro ‘Verbal behavior’. A fim de realizar um levantamento da rede conceitual referente à literatura, foram pesquisados no arquivo digitalizado da obra os radicais “liter”, “writ” e “read”, por meio da ferramenta “Ctrl+F”. Com essa busca, foram selecionados os trechos de ‘Verbal behavior’ que abordavam especificamente temas pertinentes à literatura. Os trechos encontrados foram sistematizados em uma tabela composta por três colunas. Na primeira coluna, foi apresentada a palavra-chave presente no trecho em questão; na segunda, as páginas dos respectivos trechos em ‘Verbal behavior’; e, na terceira, a citação transcrita, no idioma original.

Os fragmentos registrados na tabela foram categorizados de acordo com quatro dimensões de análise: 1. comportamento do escritor, 2. obra literária, 3. comportamento dos leitores, e 4. comunidade verbal literária. A primeira categoria agrupou as citações relacionadas às ações emitidas pelo escritor de uma obra literária; a segunda sistematizou o papel e as características da obra literária; a terceira coligiu os trechos relacionados ao comportamento de diferentes leitores de uma obra literária; e a quarta compilou as declarações skinnerianas referentes às práticas verbais da comunidade verbal literária, que estabelecem as contingências sociais responsáveis por controlar o comportamento tanto de escritores quanto de leitores.

Na síntese interpretativa elaborada com base na realização das etapas descritas, foram discutidas as inter-relações entre os comportamentos do escritor, a obra literária, os comportamentos dos leitores, e as práticas da comunidade verbal literária. Por fim, foram abordados alguns desdobramentos dessa interpretação de literatura assentada nas discussões de ‘Verbal behavior’.

Construindo uma Interpretação Comportamentalista Radical da Literatura

O comportamento verbal é o comportamento operante emitido por um falante individual, cuja modelagem e manutenção ficam a cargo de um ouvinte que, como membro de uma comunidade verbal, foi treinado para responder ao comportamento do falante de acordo com as práticas de reforçamento características dessa comunidade (Abib, 1994). Em vista disso, a dinâmica do comportamento verbal constituída pelas relações entre falante, ouvinte e comunidade verbal se estabelece de modo fundamentalmente contextual: o indivíduo se torna falante na medida em que o contexto no qual se insere é ocupado por um ouvinte, tanto quanto um indivíduo se torna ouvinte se sujeito ao contexto instaurado pelas práticas de reforçamento da comunidade verbal da qual é membro. Um episódio verbal total é constituído pela conjunção dos comportamentos do falante e do ouvinte, que, contextualizados nas práticas de uma comunidade verbal, fornecem uma compreensão da dinâmica do comportamento verbal no tempo (Skinner, 1957/1989).

O principal desafio para se compreender a literatura de uma perspectiva comportamentalista é reconhecer que a manutenção dos comportamentos de escritores e leitores não constitui um episódio verbal simples e linear. Desse modo, uma interpretação comportamentalista da literatura não pode tão somente identificar escritor com falante e leitor com ouvinte, sendo necessário reconhecer que os repertórios de escritores e leitores são bem mais complexos e que, conseqüentemente, a compreensão da dinâmica dos comportamentos verbais literários precisa fazer jus a essa complexidade. Além disso, a obra literária, produto do comportamento verbal do escritor, desempenha um papel específico nessa dinâmica. Nas seções seguintes, esses aspectos típicos do comportamento verbal literário serão elucidados com base na perspectiva contextualista sustentada por Skinner a respeito do comportamento verbal (Abib, 1994), destacando os diferentes repertórios (e.g., falante e ouvinte) e ambientes sociais (comunidade verbal) que precisam ser considerados para uma compreensão comportamental da literatura.

O Escritor

O escritor tende a ser reconhecido como aquele que emite primordialmente comportamentos verbais de topografia escrita¹, que resultam em um produto designado como obra ou texto literário (ver Skinner, 1957/1989, pp. 52-80). Entendido dessa maneira, o escritor é um falante, que, como tal, tem as conseqüências de seu comportamento de escrever mediadas por um ouvinte (Abib, 1994).

O comportamento verbal do escritor, assim como o de falantes em geral, está sujeito a múltiplas variáveis, em uma condição caracterizada por Skinner (1957/1989) como “causação múltipla” (ver pp. 227-252). No caso do escritor, a remuneração, o prestígio, as críticas e a autoestimulação costumam ser identificadas como algumas dessas “causas” (Skinner, 1957/1989, pp. 185-226). Todavia, o papel de cada uma delas, bem como a possibilidade de outras variáveis estarem operando durante a escrita, tende a ser mais uma questão de inferência do que de verificação. Isso porque o comportamento do escritor quase sempre é investigado exclusivamente pelo seu produto (o texto ou a obra literária), com base no qual certas variáveis são inferidas. Isso não significa que tais inferências sejam implausíveis, mas que é preciso reconhecer que elas se diferenciam de informações obtidas por meio da observação direta do comportamento e da “manipulação deliberada de variáveis, em que o comportamento resultante é previsto ou realmente controlado” (Skinner, 1957/1989, p. 229), e que essa estratégia, normalmente, não é seguida com relação aos comportamentos do escritor.

Mesmo quando o próprio escritor “confirma” as inferências sobre variáveis que controlaram seu comportamento de escrever – por exemplo, quando reconhece que escreveu considerando o potencial de vendas de seu livro –, permanece o problema de que algumas variáveis controladoras relevantes podem ser desconhecidas pelo próprio escritor. Sem uma comunidade verbal que crie condições para que o escritor discrimine as fontes de controle de seu comportamento de escrever, variáveis relevantes podem continuar “inconscientes”.

Um exemplo dessa “inconsciência” aparece no que Skinner (1957/1989) denomina como empréstimo literário (ver pp. 384-402). Esse “empréstimo” ocorre quando comportamentos verbais de um autor são predominantemente controlados pelos produtos do comportamento verbal de outros autores. É comum que um escritor iniciante escreva “emprestando” palavras, frases, personagens, estruturas discursivas e figuras de linguagem de outros autores, exibindo, portanto, um repertório predominantemente ecóico (que tem correspondência formal com os estímulos verbais antecedentes emitidos por outro escritor), o qual pode ser facilmente identificado por leitores que compararem a obra do autor neófito com a de outros autores (Skinner, 1957/1989, cap. 4, pp. 52-80). Nesse caso, a falta de reconhecimento do empréstimo literário por parte do escritor passa a ser reconhecida como plágio. Um escritor experiente, em contrapartida, pode escrever sob controle de outra obra sem uma correspondência ponto-a-ponto com ela, exibindo, assim, um repertório intraverbal que, como tal, é mais difícil de ser identificado pela maioria dos leitores como uma forma de empréstimo literário. Em alguns casos, até mesmo o próprio escritor pode ter dificuldades em reconhecer e admitir seu empréstimo literário, e somente leitores especializados, como os críticos literários, por exemplo, serão capazes de identificar semelhanças e, eventualmente, influências entre obras de diferentes autores.

O empréstimo literário é uma repercussão clara do fato de que, antes de se tornar escritor, aquele que escreve deve ser leitor de outros escritores. Considerado nesse sentido, o escritor assume mais a função de ouvinte do que de falante, haja vista que o mediador das consequências do comportamento verbal de escrever é um leitor (Skinner, 1957/1989).

De acordo com contingências, tanto ontogenéticas quanto culturais, que aumentam a probabilidade do comportamento de ler obras de um dado tema, gênero ou autor, o futuro escritor passa a adquirir um amplo repertório verbal, com base no qual redigirá os próprios trabalhos no futuro (ver Skinner, 1957/1989, pp. 384-402). É em sua história de reforçamento como leitor, portanto, que podemos vislumbrar algumas variáveis que, provavelmente, controlarão também o comportamento do escritor de ler as obras de sua própria autoria. Na medida em que as contingências ontogenéticas que o fazem ler aquilo que lê geralmente são as mesmas responsáveis por fazê-lo escrever aquilo que escreve, pode-se dizer que o escritor escreve aquilo que é reforçado por ler, tal como o músico toca o que é reforçado por ouvir e o pintor pinta o que é reforçado por ver (ver Skinner, 1957/1989, pp. 432-452).

Considerando a indissociabilidade entre leitura e escrita no processo de produção textual, o escritor é, necessariamente, o primeiro leitor de sua própria obra. Ao ler um texto de sua autoria, o escritor passa a mediar as consequências de seu próprio comportamento verbal, o que equivale a dizer que ele se converte em um dos principais ouvintes de seus comportamentos verbais textuais. Ao produzir um texto, portanto, o escritor assume sucessivamente a função de falante e de ouvinte, constituindo um primeiro episódio verbal total no contexto literário.

Desse modo, uma característica distintiva da produção literária é que, por um dado período, o escritor é a sua própria audiência (ver Skinner, 1957/1989, pp. 179-181) e, conseqüentemente, seus comportamentos estão sujeitos ao

autorreforçamento e à autoedição. Ao ser o primeiro leitor de sua obra, o autor tem uma possibilidade irrestrita de editar suas respostas verbais durante o processo de produção textual, antes que seu produto final alcance outros leitores (ver Skinner, 1957/1989, pp. 369-383). Por um certo tempo, no contexto em que escreve e é sua própria audiência, o escritor se encontra “relativamente livre da ameaça de punição” (Skinner, 1957/1989, p. 394) e pode emitir respostas verbais sob controle de variáveis (e.g., privação e estados emocionais) que, em outros contextos, levariam a consequências punitivas. No entanto, isso não significa que o comportamento de escrever seja completamente imune à punição, mesmo quando a única audiência envolvida é o próprio escritor. Se assim o fosse, o produto do comportamento de escrever não sofreria qualquer autoedição, e um texto já estaria finalizado assim que o comportamento de escrever acabasse de ser emitido pelo escritor. O que se verifica, na verdade, é que o comportamento do escritor de ler a obra que está escrevendo pode produzir tanto consequências reforçadoras – o que diminui a probabilidade de autoedição e fortalece a mesma forma de escrita – quanto punitivas – o que aumenta a probabilidade de autoedição que continua ocorrendo até que a condição aversiva seja eliminada.

É preciso destacar que a autoedição, em particular, envolve comportamentos verbais autoclíticos, que alteram outros comportamentos verbais de modo a torná-los mais efetivos (Skinner, 1957/1989, cap. 12-14). Toda atividade autoclítica possui uma gênese social, pois são contingências sociais de reforçamento e punição que fortalecem esses comportamentos responsáveis por alterar outros comportamentos verbais antes que ocorram explicitamente diante de uma audiência (Skinner, 1957/1989, pp. 311-313). A própria efetividade do repertório autoclítico depende, em última instância, de sua adequação às exigências de uma audiência específica. Por isso, a autoedição de um escritor será efetiva se estiver sob controle de exigências de potenciais leitores de sua obra, o que significa que o escritor, muitas vezes, tenta ler sua própria obra pelo olhar de seus leitores: quando isso funciona, a atividade autoclítica presente em sua autoedição é fortalecida, quando fracassa, ela sofre variações.

Como veremos adiante, os operantes verbais que serão passíveis de punição e de reforçamento no processo de escrita variam também conforme as práticas da comunidade verbal literária à qual o escritor é exposto, o que, por sua vez, incidirá no tipo de produto do comportamento verbal que é regulado por essas práticas, a saber, a obra literária.

A Obra Literária

A obra literária pode ser entendida como o produto final dos comportamentos verbais emitidos pelo escritor. Do ponto de vista do leitor, a obra literária é um conjunto de estímulos verbais que têm a função de estímulos discriminativos para a emissão do comportamento de ler (pelo menos, é essa a função que a maior parte dos escritores espera que sua obra tenha).

Vale ressaltar que a maioria dos leitores não responde ao comportamento daquele que escreve, mas sim ao texto, entendido como produto desse comportamento. Por

isso, é possível dizer que a obra literária corresponde a um elemento de mediação da relação que se estabelece entre os comportamentos do escritor e dos leitores.

Alguns dos efeitos que uma obra literária produz sobre o comportamento do leitor dependem de um compartilhamento de variáveis controladoras do comportamento do escritor e do leitor. Isso explicaria a “identificação” que um leitor tem com algum autor específico. Nos termos skinnerianos, “se ao menos dois conjuntos de variáveis forem responsáveis pelo comportamento do escritor, é mais provável que o leitor compartilhe ao menos um desses conjuntos” (Skinner, 1957/1989, p. 275). Muitos textos literários são ricos em referências a temas pessoais, por exemplo, o que aumenta as chances de que leitores que compartilham de variáveis ontogenéticas similares às do escritor encontrem reforçadores na leitura da obra (ver Skinner, 1957/1989, p. 274, p. 398).

Uma função comum assumida por algumas obras literárias é a de produzir efeitos emocionais no leitor. Skinner (1957/1989) sugere que, para alcançar esse efeito, o escritor pode utilizar uma série de técnicas, como manusear os fatos com maior liberdade (p. 159), repetir determinados estímulos verbais (p. 161), ou promover emparelhamentos de sinônimos a fim de provocar reações emocionais a nomes próprios (p. 358). Nesse caso, já não é necessário um compartilhamento de variáveis entre escritor e leitor: “Quando o efeito emocional sobre o ouvinte é a única consequência importante, o controle de estímulos pode ser efetivamente abandonado” (Skinner, 1957/1989, p. 159). Esse seria o caso da poesia lírica, que, ao se voltar primordialmente para a produção de estados emocionais nos leitores, tende a exagerar ou alterar a descrição de fatos, abandonando a preocupação de que o leitor compreenda o que o escritor quer dizer ou de que a leitura apreenda o significado que o escritor atribuiu a seu texto.

Além de variáveis pertinentes à ontogênese e aos estados emocionais do leitor, os efeitos produzidos por uma obra literária também podem envolver recursos literários relacionados à composição formal, à estruturação de enredo e à articulação lógica, os quais, por sua vez, dependem do gênero literário, da história de condicionamento do escritor, do contexto em que a obra será lançada etc. Alguns dos recursos literários mencionados por Skinner (1957/1989) são o emparelhamento de sinônimos (p. 222); o empréstimo literário (p. 71); o autoclítico (p. 387); a aliteração (p. 246); a ambiguidade (p. 275); o eufemismo (p. 235); a repetição (p. 223); a rima (p. 283); o padrão rítmico (p. 259); e a combinação (p. 294).

Outra característica típica de muitas obras literárias é o seu caráter metafórico. Na extensão metafórica do tacto, as propriedades do estímulo controlador não são aquelas, geralmente, destacadas pela comunidade verbal, ainda que tais propriedades estejam presentes no reforçamento. Sob as condições especiais fornecidas por uma comunidade verbal literária, a obra pode ser rica em respostas metafóricas, estabelecendo relações pouco usuais, que podem auxiliar o escritor na caracterização de personagens, bem como na produção de respostas emocionais e “imaginárias” (Skinner, 1957/1989).

Algumas obras literárias também podem ser caracterizadas por seu caráter simbólico. A resposta simbólica é parecida com a resposta metafórica, mas dela

se difere na medida em que (1) as propriedades de seus estímulos controladores são menos conspícuas e o controle, portanto, menos evidente; e (2) sua emissão é condicionada a contextos nos quais respostas não simbólicas serão provavelmente punidas. Logo, a resposta simbólica é selecionada pelo escritor em meio a um grupo temático quando as demais respostas sinalizarem punição, e não quando estiverem “em falta”, como ocorre com as respostas metafóricas (Skinner, 1957/1989, cap. 16, pp. 384-402).

As obras literárias também costumam ser ricas em mandos – operantes verbais nos quais a resposta emitida é reforçada por uma consequência característica e está sob controle de condições relevantes de privação e/ou estimulação aversiva (ver Skinner, 1957/1989, pp. 35-51). Alguns desses mandos correspondem a termos ou expressões que interpelam o leitor e podem ser categorizados como vocativos. Outros “mandam” a atenção desse leitor, ou seja, especificam que o comportamento do escritor será reforçado se o leitor simplesmente permitir-se ficar sob controle da obra literária².

Um tipo específico de mando, denominado por Skinner de “mágico”, é representativo da magia verbal que é típica de muitas obras literárias. Esse tipo de resposta verbal é uma extensão do mando e se caracteriza por nunca obter o efeito que é por ela especificado. Em ‘Verbal behavior’, a magia verbal é exemplificada com o livro do Gênesis: “Incapazes de imaginar como o universo poderia ter sido criado a partir do nada, conjecturamos que foi feito por meio de uma resposta verbal. Foi apenas necessário dizer, com suficiente autoridade, Faça-se luz!” (Skinner, 1957/1989, p. 48). Nesse caso, a partícula “faça-se” foi trazida de situações nas quais foi eficaz, mas o ouvinte que a tornará eficaz nesse caso em particular não foi especificado.

Uma obra literária caracteriza-se, portanto, em termos de sua função (e.g., produz “identificação” com os leitores, reações emocionais), e pela presença de elementos como metáforas, símbolos e mandos, podendo conter “ordens incomuns, ilógicas ou confusas” (Skinner, 1957/1989, p. 354), e mesmo “padrões de comportamento que normalmente seriam rejeitados por motivos de gramática, lógica, elegância ou ordem” (Skinner, 1957/1989, p. 397). A “licença poética” a qual se permitem escritores na produção de uma obra literária depende das práticas da comunidade verbal literária, que toleram mais certas transgressões linguísticas em comparação a outras comunidades verbais (e.g., a científica), como também da presença de alguns tipos de leitores, que atuarão de forma mais direta na modelagem do comportamento verbal do escritor, como veremos a seguir.

Os Leitores

A despeito do protagonismo do escritor no autorreforçamento e autoedição de suas respostas verbais, a audiência literária também pode ser constituída por leitores próximos, que modelam e mantêm o comportamento de escrever de forma direta, assumindo, desse modo, a função de ouvintes. Assim como o escritor que é leitor de sua própria obra, o leitor próximo lê aquilo que é escrito em um ambiente no qual o escritor se faz presente, fornecendo consequências diretas para o comportamento de

escrever e, assim, corroborando com sua modelagem e manutenção. Nesse sentido, leitores próximos (como amigos, cônjuges, editores) também constituem com o escritor um episódio verbal total, estabelecendo contingências de reforçamento e punição que selecionam determinados conjuntos de respostas de maneira direta.

No entanto, a maioria dos leitores de uma obra literária não desempenham esse papel, pois estão separados espaço-temporalmente do escritor e, em função disso, podem ser considerados como uma “audiência distante” (Skinner, 1957/1989, p. 177). Esse tipo de leitor responde ao texto literário sem que isso controle o comportamento do autor de maneira direta: a obra é lida sem que o escritor tenha contato com as reações daquele que lê, bem como da própria leitura realizada. O comportamento do escritor, nesse caso, “sofre as desvantagens de uma audiência deferida e mal definida” (Skinner, 1957/1989, p. 182).

Essa distância entre escritor e leitor coloca uma questão relevante para a discussão das relações verbais envolvidas na literatura: se as respostas de um leitor distante são inacessíveis ao escritor, esse leitor seria, de fato, um ouvinte? Em um episódio verbal total, as variáveis explicativas do comportamento do falante devem poder ser encontradas no comportamento do ouvinte (ver Skinner, 1957/1989, pp. 13-34). Com base nessa condição, um leitor só é ouvinte se suas respostas à obra literária viabilizarem a explicação do comportamento do escritor, isto é, quando mediam as consequências do comportamento desse escritor.

Com isso, torna-se evidente por que escritor e leitor não podem simplesmente ser considerados, respectivamente, falante e ouvinte. Quando escritor e leitor não compartilham do mesmo ambiente, o que estabelece uma distância espacial e/ou temporal entre a emissão do comportamento do escritor e as respostas do leitor, o leitor não pode ser considerado ouvinte. Nesse sentido, um reforçamento efetivo do comportamento do escritor depende de muito mais do que dos comportamentos de leitores.

Sendo ou não ouvinte, o leitor que se encontra distante do escritor comumente lê obras que dizem aquilo que ele próprio diria se não estivesse submetido a contingências punitivas. Em vista disso, obras literárias lidas em larga escala podem ser compreendidas como produtos de comportamentos verbais que, apesar de serem fortes, foram punidos durante a história de vida dos leitores. É nesse sentido que Skinner (1957/1989) conclui que “a universalidade de uma obra literária se refere ao número de potenciais leitores inclinados a dizer a mesma coisa, ao menos em alguma medida” (p. 275). O texto literário seria, portanto, uma estimulação que exerce função suplementar permitindo que o leitor emita uma resposta que não tinha contexto para ser emitida ou que, provavelmente, seria punida se fosse emitida de outra forma (ver Skinner, 1957/1989, pp. 253-292).

Como o comportamento de ler dificilmente sinaliza punição, seu reforçamento pode estar atrelado simplesmente à possibilidade de ser emitido em sua forma não editada. De acordo com Skinner, “o texto é um mundo no qual a pessoa se comporta com um mínimo de esforço . . . porque o comportamento geralmente pode ser emitido sem edição” (Skinner, 1957/1989, p. 398). Isso não significa que o comportamento de ler não tenha custo de resposta, mas que pode ser emitido sem

ser modificado e não ser punido por isso, sobretudo se a leitura for realizada de maneira silenciosa.

Tendo em vista que a resposta de ler pode não mediar as consequências das ações emitidas pelo escritor, o leitor distante pode, na verdade, assumir a função de falante. Na prática, esse parece ser o caso dos leitores comuns, cujas respostas à obra literária dificilmente são acessadas por aquele que a escreveu. Assumir a função de ouvinte, nesse caso, pode ser uma tarefa impossibilitada pela inacessibilidade do escritor e, evidentemente, é inviável quando ele já não está vivo. Dada a ausência de mediação e de correspondência entre o escritor e o leitor distante, essa relação, como já mencionado, não pode ser considerada um episódio verbal total.

A medida que a dinâmica falante-ouvinte-comunidade for reorganizada, torna-se clara a possibilidade de tomar o leitor distante como falante, e não ouvinte. Skinner reconhece que “um falante sob controle de um texto é, é claro, um leitor” (Skinner, 1957/1989, p. 65). Logo, o leitor pode ser entendido como um tipo de falante que emite comportamentos verbais de topografia vocal diante do texto. Se a leitura realizada for silenciosa, considera-se que a autoestimulação do leitor é reduzida a um nível inacessível à observação pública; se for audível, considera-se que é fortalecida ao ponto de tornar o comportamento de ler observável (ver Skinner, 1957/1989, pp. 52-80). No primeiro caso, o leitor é, simultaneamente, falante e ouvinte; no segundo, a função de ouvinte pode ser ocupada tanto pelo próprio leitor quanto por outro membro da comunidade verbal.

A Comunidade Verbal Literária

Comunidade verbal é um conjunto de ouvintes responsáveis por modelar e manter o comportamento do falante, de acordo com determinadas práticas de reforçamento (Abib, 1994). Um agrupamento de ouvintes cujo repertório verbal está sujeito a contingências de reforçamento semelhantes constitui, assim, uma comunidade verbal. Desse modo, é no contexto estabelecido por essa comunidade que o ouvinte aprende a mediar o comportamento do falante de uma dada maneira, de forma a fornecer elementos para sua modelagem e manutenção (Abib, 1994).

Modelar e manter o comportamento do escritor é função da comunidade verbal literária. As práticas de reforçamento dessa comunidade se particularizam por se ampararem em critérios que, comparados aos de outras comunidades (e.g., a comunidade científica), podem ser encarados como “relaxados” (Skinner, 1957/1989, p. 354), sobretudo em função de viabilizarem o reforçamento de comportamentos tradicionalmente punidos. Um exemplo são os comportamentos que se referem a temas pessoais, cujos principais produtos são a autobiografia e o romance em primeira pessoa. Ambos os gêneros parecem satisfazer o “amor próprio” do leitor, na medida em que “fornecem a suplementação verbal apropriada” (Skinner, 1957/1989, p. 275) para o comportamento de falar sobre si próprio, que é geralmente forte para a maioria dos falantes. Daí a comum tentativa de mostrar que “os grandes temas da literatura são os grandes temas da vida” (Skinner, 1957/1989, p. 398): o escritor que escreve sobre temas pessoais e, assim, permite que muitos

leitores se comportem verbalmente em relação a si mesmos, será provavelmente lido com frequência.

Como já indicado, são as práticas de reforçamento “relaxadas” características da comunidade verbal literária que implicam o reforçamento de vocabulários simbólicos e metafóricos. Emitir uma resposta simbólica significa selecionar uma resposta em um grupo temático no qual as demais são “enfraquecidas por ‘fontes negativas de força’” (Skinner, 1957/1989, p. 396). Dessa forma, o escritor escreve de modo simbólico sobre temáticas em relação às quais a maior parte de seu repertório verbal não está disponível por conta da punição. Uma resposta metafórica, por outro lado, é emitida na falta de uma resposta não metafórica que produza o mesmo efeito. O escritor comumente se vale da metáfora para descrever personagens ficcionais, como é o caso do uso de animais para indicar um “traço” de personalidade. Nesse caso, o escritor pode caracterizar um dado personagem como uma cobra, por exemplo, ao invés de descrevê-lo como traiçoeiro, sobretudo porque a descrição meramente adjetiva carece do “pleno efeito da extensão metafórica” (Skinner, 1957/1989, p. 98).

A comunidade verbal literária é organizada em subcomunidades, cujas práticas de reforçamento variam de acordo com o gênero da obra, o estilo da escrita, o movimento literário, e assim por diante. Com essas práticas, tipos específicos de vocabulários são reforçados diferencialmente, a exemplo dos vocabulários “livresco, pedante, . . . arcaico, polissilábico e polido” (Skinner, 1957/1989, p. 173). Dessa maneira, a comunidade verbal literária estabelece audiências³ no âmbito das quais diferentes formas verbais são especialmente fortes. Em determinados gêneros literários, por exemplo, o emprego de repetições é punido, e o uso de sinônimos reforçado; em outros, a repetição pode ser incentivada pois “estímulos verbais repetidos, geralmente, provocam respostas emocionais condicionadas mais poderosas” (Skinner, 1957/1989, p. 161). O primeiro é, de modo geral, o caso da prosa formal; o segundo, o da poesia.

Além disso, a comunidade verbal literária inclui audiências que podem aumentar a probabilidade de padrões de comportamento verbal não apenas diferentes, mas conflitantes. Por exemplo, a crítica literária, o público, o editor, as pessoas próximas ao escritor e o próprio escritor podem estabelecer contingências de reforçamento distintas, criando um ambiente verbal heterogêneo, com estímulos discriminativos para ações verbais muito diferentes. Isso ajuda a compreender porque, muitas vezes, o sucesso de público de uma obra não é acompanhado do sucesso de crítica, e também porque escritores que alcançam essa unanimidade são, geralmente, alvo de admiração.

As dificuldades impostas por esse ambiente verbal heterogêneo aumentam a importância da autoedição, ao mesmo tempo em que elucidam a estratégia de autores de começarem com uma escrita “relaxada”, que pode até mesmo se afastar dos padrões de uma comunidade literária, para, posteriormente, corrigi-la (Skinner, 1957/1989, pp. 382-383). Skinner exemplifica esse caso com a comparação entre a caligrafia com a qual se escreve em um caderno e aquela com a qual se escreve cartas (Skinner, 1957/1989, cap. 6, pp. 147-171). É provável que, na primeira situação, a escrita contenha abreviações, formas ilegíveis de letras, erros ortográficos e frases

ambíguas, além de variadas preferências pessoais, haja vista que o escritor como leitor de sua própria obra “tende a se ocupar de tópicos e termos favoritos, com alusões literárias de valor de prestígio, com histórias que . . . acha divertidas ou interessantes, e assim por diante” (Skinner, 1957/1989, p. 165). Skinner chega a afirmar que o escritor constitui consigo próprio uma comunidade propícia para a produção de comportamento literário e que, com ela, pode escrever por um longo período sem recorrer à comunidade externa (ver Skinner, 1957/1989, pp. 432-452). Não obstante, mesmo que o escritor escreva, predominantemente, sob controle da “autoaudiência” (ver Skinner, 1957/1989, pp. 179-181) e produza um texto que destoa dos padrões estipulados pela comunidade externa, seu comportamento verbal ainda estará sujeito às práticas verbais da comunidade literária, que pode reforçar ou punir essa variação.

Uma Definição Comportamentalista da Literatura: Contextualismo e Complexidade

Tendo em vista os diferentes aspectos considerados por Skinner (1957/1989) ao mencionar a literatura em ‘Verbal behavior’, o principal desafio de uma definição comportamentalista de literatura é evitar uma redução, seja ao comportamento do escritor ou do leitor, seja à comunidade verbal literária ou à obra literária. Todos esses elementos precisam ser considerados e estarem articulados nessa definição.

Mesmo admitindo a necessidade de considerar essa plêiade de fatores para compreender as especificidades da atividade literária, há ainda uma complexidade suplementar a essa tarefa quando a trama conceitual do comportamento verbal é acionada para tal. Com a sistematização realizada, foi possível explicitar a impossibilidade de transpor, à risca, a lógica falante-ouvinte-comunidade verbal à dinâmica escritor-leitores-comunidade literária. A depender do movimento analítico em pauta, o escritor pode ocupar o papel de falante e ouvinte, assim como o leitor pode assumir a função de ouvinte ou falante, estando próximo ao escritor ou distante dele. Do mesmo modo, as práticas de reforçamento (e punição) da comunidade verbal literária variam de acordo com as particularidades pertinentes a cada subcomunidade e audiência que a constituem. Em vista disso, o episódio verbal literário, por contar com a obra como um elemento de mediação, é mais do que um mero intercâmbio entre escritor e leitor e, muitas vezes, sequer pode ser interpretado como um episódio verbal total.

Ao menos no âmbito de “Verbal behavior”, a literatura pode ser entendida como a inter-relação dinâmica e complexa entre escritor, leitores, obra literária e comunidade literária. Nessa relação quadripartite, a interação entre comportamento do escritor (como falante e ouvinte) e leitores próximos (como falantes ou ouvintes) é regida por práticas das comunidades e subcomunidades verbais literárias às quais pertencem; o produto dessa interação escritor-leitores próximos é a obra literária, que controla o comportamento de leitores distantes, gerando, nesses leitores, diferentes efeitos (como identificação e reações emocionais), por meio de uma série de recursos literários que tipificam as obras literárias de acordo com formas de

escrita específicas (e.g., metáforas, símbolos e mandos mágicos) estabelecidas por subcomunidades literárias.

Uma das primeiras implicações de compreender a literatura com base na rede conceitual apresentada em “Verbal behavior” é evidenciar que, pelo comportamentalismo radical, a análise do comportamento também pode contribuir com as tentativas de interpretação psicológica da literatura, voltadas ao escrutínio das complexidades humanas que se manifestam no enredo e no processo de elaboração de uma obra literária. Desse modo, a crítica de que a filosofia comportamentalista radical seria incapaz de “explicar realizações criativas – na arte, por exemplo, ou na música, literatura, ciência ou matemática” (Skinner, 1974/1976b, p. 6) é respondida por Skinner em suas menções à literatura identificadas em ‘Verbal behavior’.

A despeito da possibilidade de o comportamentalismo radical oferecer um aporte teórico para interpretar atividades humanas complexas como a literatura, a visada contextualista presente nessa perspectiva destoa de algumas formas tradicionais de entendimento dessa expressão artística. Exemplo disso é o afastamento que as análises skinnerianas exibem de uma concepção romântica, caracteristicamente conferida às criações literárias (Vitti & Laurenti, 2024). Essa concepção, representativa de aspectos do romantismo que subsistem na contemporaneidade, é protagonizada pela figura do escritor reputado como gênio: “um indivíduo naturalmente especial, dono de um dom único que tem a obrigação de realizar” (Figueiredo & Santi, 1991/2008, p. 38). A perspectiva skinneriana, em contrapartida, apresenta o escritor como parte (essencial, mas não única) de uma dinâmica construída nos domínios de um convívio social, do qual também são parte diferentes leitores, os quais, por sua vez, integram comunidades verbais específicas. Assim, a inter-relação quadripartite composta por escritor, leitores, obra e comunidade verbal literária configura uma explicação das produções literárias isenta de causalidades centradas na ideia de dom ou de genialidade.

O valor heurístico da interpretação contextualista da dinâmica verbal da literatura também se verifica na possibilidade de ela abarcar outros contextos sociais não explorados diretamente por Skinner em “Verbal behavior”, como as práticas culturais e as agências controladoras. Uma vez que as práticas de reforçamento da comunidade verbal literária podem promover um controle social característico de uma agência controladora, caberia averiguar como o controle exercido sobre os comportamentos de escritores e leitores varia de acordo com as práticas culturais de diferentes sociedades. Frente ao protagonismo exercido pela agência econômica no sistema capitalista de produção e à consequente relevância da remuneração como uma variável controladora do comportamento do escritor, é pertinente considerar a repercussão de uma cultura capitalista para a modelagem e manutenção dos comportamentos de escritores e leitores, que, nessa lógica, são encarados, respectivamente, como produtores e consumidores.

Emblemática para as teorizações oriundas da Escola de Frankfurt, essa discussão direciona, ainda, para um exame do impacto dos processos de comunicação sobre a dinâmica verbal da literatura. Considerando que os meios de comunicação podem ser compreendidos como uma face central da indústria cultural (Rüdiger, 1998), caberia contemplar como a hegemonia das mídias digitais contemporâneas

reverbera na produção e no consumo de obras literárias. Desse modo, compete a uma análise contextualista da literatura sondar as características distintivas das relações entre escritor e leitor que se particularizam por serem mediadas pelas redes sociais online – plataformas onipresentes nas dinâmicas de controle social, que, em princípio, podem aproximar o escritor de seus leitores.

Considerações Finais

A discussão de diferentes questões relacionadas à literatura aparece na obra de B. F. Skinner de forma recorrente, ainda que não sistemática, o que pode dificultar a compreensão dessa atividade humana complexa de uma perspectiva comportamentalista radical (e.g., Skinner, 1934/1999a, 1948/2005, 1957/1989, 1970/1999b, 1972/1999c). Com o propósito de auxiliar nessa compreensão, o objetivo deste estudo foi propor uma interpretação comportamentalista radical de literatura, com base no exame de menções de Skinner a questões literárias em seu livro “Verbal behavior” (Skinner, 1957/1989).

A interpretação delineada neste estudo evidenciou o caráter contextualista da dinâmica verbal literária, uma vez que a literatura, uma das atividades distintivas do ser humano, é compreendida recorrendo-se não a uma atividade mental especial, mas às relações dos indivíduos com diferentes contextos sociais verbais. Essa interpretação também explicita a natureza complexa da atividade literária em termos da descrição de uma inter-relação dinâmica entre escritor, leitores, obra literária e comunidade literária.

A despeito desses resultados promissores, é relevante destacar que este estudo se pautou em uma única obra de Skinner (1957/1989) para construir uma interpretação comportamentalista de literatura. Em vista disso, outras pesquisas poderiam ampliar as fontes de análise dessa temática, considerando a vasta produção intelectual do autor. Ademais, estudos posteriores poderiam enriquecer as análises comportamentalistas radicais sobre a literatura com o exame mais concreto de práticas culturais contemporâneas, destacando o papel de agências controladoras, como também das mídias sociais na produção e manutenção de comportamentos verbais literários.

Referências

- Abib, J. A. D. (1994). O contextualismo do comportamento verbal: A teoria skinneriana do significado e sua crítica ao conceito de referência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10(3), 473-487. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-156228>
- Amorim, C. (2001). Quem é o sr. Mortimer? Uma análise do comportamento de tirar conclusões de Sherlock Holmes e Watson. In H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Eds.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 8, pp. 386-397). ESETec.
- Coleman, S. R. (1985). B. F. Skinner, 1926-1928: From literature to psychology. *The Behavior Analyst*, 8, 77-92. <https://doi.org/10.1007/BF03391914>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2017). *Kafka: Por uma literatura menor* (C. V. da Silva, Trad.). Autêntica. (Obra original publicada em 1975)
- Figueiredo, L. C. M., & Santi, P. L. R. (2008). *Psicologia, uma (nova) introdução: Uma visão histórica da psicologia como ciência*. EDUC. (Obra original publicada em 1991)
- Freud, S. (1969). Dostoiévski e o parricídio (J. Salomão, Trad.). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 203-223). Imago. (Obra original publicada em 1928)
- Grant, L. (2005a). Story analysis and the literary method. *The Behavior Analyst Today*, 6(3), 178-185. <https://doi.org/10.1037/h0100069>
- Grant, L. (2005b). The secrets of Scheherazade: Toward a functional analysis of imaginative literature. *The Analysis of Verbal Behavior*, 21, 181-190. <https://doi.org/10.1007/BF03393020>
- Grant, L. (2007). The veils of Clío: Dimensions of a behavioral narratology. *The Analysis of Verbal Behavior*, 23, 57-69. <https://doi.org/10.1007/BF03393047>
- Heidegger, M. (1996). *Hölderlin's hymn "the ister"* (J. Davis, W. McNeil, Trans.). Indiana University Press. (Obra original publicada em 1942)
- Hineline, P. N. (2018). Narrative: Why it's important, and how it works. *Perspectives on Behavior Science*, 41, 471-501. <https://doi.org/10.1007/s40614-018-0137-x>
- Luke, N. M. (2003). Analysis of poetic literature using B. F. Skinner's theoretical framework from Verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 19, 107-114. <https://doi.org/10.1007/BF03392984>
- Rüdiger, F. (2008). A escola de Frankfurt e a trajetória da crítica à indústria cultural. *Estudos de Sociologia*, 4, 17-29. <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/903>
- Sartre, J. P. (2015). *O que é a literatura?* (C. F. Moisés, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1947)
- Skinner, B. F. (1976a). *Particulars of my life*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1976b). *About behaviorism*. Vintage Books. (Obra original publicada em 1974)
- Skinner, B. F. (1989). *Verbal behavior*. B. F. Skinner Foundation. (Obra original publicada em 1957)

- Skinner, B. F. (1999a). Has Gertrude Stein a secret? In V. G. Laties & A. C. Catania (Eds.), *Cumulative record: Definitive edition* (pp. 363-371). B. F. Skinner Foundation (Obra original publicada em 1934)
- Skinner, B. F. (1999b). Creating the creative artist. In V. G. Laties & A. C. Catania (Eds.), *Cumulative record: Definitive edition* (pp. 353-362). B. F. Skinner Foundation. (Obra original publicada em 1970)
- Skinner, B. F. (1999c). A lecture on “having” a poem. In V. G. Laties & A. C. Catania (Eds.), *Cumulative record: Definitive edition* (pp. 344-352). B. F. Skinner Foundation. (Obra original publicada em 1972)
- Skinner, B. F. (2005). *Walden two*. Hackett Publishing. (Obra original publicada em 1948).
- Souza, A. C., Hora, C. L., Mathis, M. E., & Debert, P. (2009). Controle de estímulos na crônica “O verdadeiro José” de Luís Fernando Veríssimo. In R. C. Wielenska (Ed.), *Sobre comportamento e cognição* (vol. 23, pp. 193-197). ESETec.
- Vitti, G. R., & Laurenti, C. (2024). Diferenças e semelhanças artísticas entre o classicismo, o romantismo e Walden Two. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 44, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003260433>

(Received: August 08, 2024; Accepted: November 19, 2024)

Notas

1 A restrição ao exame da obra “Verbal behavior” baliza uma noção de autoria literária que dá relevo a uma concepção moderna de literatura, a saber, a que resulta substancialmente de respostas verbais de topografia escrita, registradas na forma de um texto escrito. Reconhecemos, no entanto, que sociedades ágrafas produzem obras literárias mediante respostas verbais de topografia oral, e, nesse caso, tanto o conceito de obra quanto de autoria têm peculiaridades: a obra é mais permeável a variações durante sua transmissão oral e, por isso, a autoria acaba assumindo um caráter mais coletivo do que individual.

² Com o uso de mandos, a obra literária coloca o leitor em posição de ouvinte, mas, como adverte Skinner (1957/1989), o comportamento do ouvinte no mando suscita alguns problemas, visto que esse comportamento verbal parece funcionar primordialmente em favor do falante. Skinner destaca uma espécie de motivação generalizada do ouvinte em responder a mandos, o que pode ser eventualmente explorado pelo escritor em sua obra. Além disso, por vezes, o escritor oferece ao leitor a especificação de algum tipo de reforçador futuro para responder ao mando (por exemplo, no caso da atenção: se prestar atenção, será recompensado com detalhes, com um desfecho surpreendente etc.). Esse aspecto poderia, em parte, explicar porque o comportamento de ler (e eventualmente responder aos mandos literários) não entra em extinção.

³ A audiência é definida por Skinner (1957/1989) como “um estímulo discriminativo na presença do qual o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e na presença do qual, portanto, é caracteristicamente forte” (p. 72). Desse modo, além de fornecerem consequências para o comportamento verbal do falante, ouvintes também compõem uma audiência, na medida em que sua presença, geralmente, aumenta a probabilidade da ocorrência de respostas verbais.